

Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

3



Anna Paula Lombardi
(Organizadora)

Atena
Editora

Ano 2019

Anna Paula Lombardi

(Organizadora)

**Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais
Aplicadas
3**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A772 Arqueologia das ciências humanas e sociais aplicadas 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Anna Paula Lombardi. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-051-3

DOI 10.22533/at.ed.513191601

1. Educação – Brasil. 2. Professores – Formação. 3. Prática de ensino. I. Lombardi, Anna Paula. II. Série.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” aborda uma série de livros de publicação da editora Atena. O volume 3, apresenta 22 capítulos sobre os aspectos relevantes da educação e ou práticas educacionais. Os temas incluem um processo amplo de reflexão sobre a educação brasileira contemporânea.

As principais características do ensino e aprendizagem sob a ótica atuais fidedignas do setor educacional, estão apresentadas em capítulos como a relevância das tecnologias digitais utilizadas como uma metodologia imprescindível promovendo a equidade social nas diversas séries de ensino. As políticas afirmativas, as cotas é uma outra configuração que possibilita a inclusão de alunos no ensino superior. A violência na escola é outro tema que deve ser tratado como um debate inesgotável. A produção no espaço escolar pelo profissional e a formação do professor como aspecto positivo de desenvolvimento local e regional, são os assuntos abordados.

A importância desses estudos, estão evidenciados na formação em nível de graduação e pós-graduação de acadêmicos registrando um salto quantitativo e qualitativo nas últimas décadas corroborando com a relevância dos temas abordados.

Aos leitores desta obra, que ela possa inspirar a criação de novos e sublimes estudos, proporcionando discussões e propostas para um conhecimento significativo.

Anna Paula Lombardi

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DOCÊNCIA NO CONTEXTO ATUAL DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS: A EDUCAÇÃO VIRTUAL IMERSIVA	
<i>Marcelo P. Da Roza</i>	
<i>Jiani C. Da Roza</i>	
<i>Adriana M. Da R. Veiga</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916011	
CAPÍTULO 2	14
A INSERÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NOS CURSOS DE FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP)	
<i>Maria Francisca da Cunha</i>	
<i>Sueli Liberatti Javaroni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916012	
CAPÍTULO 3	24
A INTEGRAÇÃO PEDAGÓGICA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA FORMAÇÃO ATIVA DE PROFESSORES	
<i>Ana Luísa Rodrigues</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916013	
CAPÍTULO 4	38
FORMAÇÃO DOCENTE EM CONTEXTO EAD, TECNOLOGIAS E AVALIAÇÃO	
<i>Ana Paula Soares</i>	
<i>Luana Priscila Wunsch</i>	
<i>Lincoln Mendes de Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916014	
CAPÍTULO 5	54
USO DO SCRATCH E DA PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES PARA A POTENCIALIZAÇÃO DA CRIATIVIDADE	
<i>Amilton Rodrigo de Quadros Martins</i>	
<i>Adriano Canabarro Teixeira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916015	
CAPÍTULO 6	68
JOGOS DIGITAIS EDUCATIVOS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA: E AGORA, PROFESSOR?	
<i>Jociléa de Souza Tataçiba</i>	
<i>Sonia Regina Mendes dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916016	
CAPÍTULO 7	76
GERAÇÃO CONECTADA NO ENSINO SUPERIOR	
<i>Luiza Carravetta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916017	
CAPÍTULO 8	95
AVALIAÇÃO EM UM CURSO TÉCNICO EM INFORMÁTICA: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR E CONTEXTUALIZADA COM A PRÁTICA PROFISSIONAL	
<i>Luiz Fernando Delboni Lomba</i>	
<i>Olavo José Luiz Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916018	

CAPÍTULO 9	105
CONSTRUÇÃO DE AGENDA SOBRE EMPREENDEDORISMO JUVENIL NAS CONFERENCIAS NACIONAIS DE EDUCAÇÃO E JUVENTUDE NO BRASIL	
<i>Maria Tarcisa Silva Bega</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916019	
CAPÍTULO 10	120
UMA NOVA ANÁLISE DA AÇÃO AFIRMATIVA COTA RACIAL SOB A ÓTICA DO RECONHECIMENTO	
<i>Soraya Gonçalves dos Santos Araújo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160110	
CAPÍTULO 11	133
POLÍTICA E EDUCAÇÃO DE AFRODESCENDENTES NO BRASIL	
<i>Elaine Silva Alegre</i>	
<i>Liliane Capilé Charbel Novais</i>	
<i>Rozimeire Satiko Shimizu</i>	
<i>Marilza de Fátima Souza</i>	
<i>Elizabeth Leite de Oliveira Teodoro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160111	
CAPÍTULO 12	146
DO INGRESSO A PERMANÊNCIA: ESTUDOS SOBRE POLÍTICAS AFIRMATIVAS DE COTAS NO CURSO DE AGRONOMIA	
<i>Jean Carlo Nogueira Baron</i>	
<i>Paola Alves</i>	
<i>Tatiane Kucmanski</i>	
<i>Aline Ariana Alcântara Anacleto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160112	
CAPÍTULO 13	150
VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO	
<i>Rogério Goulart da Silva</i>	
<i>Maria Regina Ferreira da Costa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160113	
CAPÍTULO 14	161
TRÍADE MULTIDISCIPLINAR: FAMÍLIA(S), CRIANÇA(S) E ESCOLA(S)	
<i>Eliane Lima Piske</i>	
<i>Ângela Adriane Bersch</i>	
<i>Maria Ângela Mattar Yunes</i>	
<i>Narjara Mendes Garcia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160114	
CAPÍTULO 15	168
EDGAR MORIN E O PENSAMENTO COMPLEXO: PERSPECTIVAS NA CIÊNCIAS SOCIAIS	
<i>Nei Alberto Salles Filho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160115	

CAPÍTULO 16	178
EDUCAÇÃO SUPERIOR PÚBLICA, FORMAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL E DESAFIOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
<i>Vera Núbia Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160116	
CAPÍTULO 17	191
A ÉTICA DO CUIDADO NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: POSSIBILIDADE DE PRÁXIS HUMANIZADORA?	
<i>Ilíria François Wahlbrinck</i>	
<i>Luci Mary Duso Pacheco</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160117	
CAPÍTULO 18	202
A FEMINIZAÇÃO DA DOCÊNCIA: PROCESSO E DESTAQUES CUIABANOS NO SÉCULO XX	
<i>Geisa Luiza de Arruda</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160118	
CAPÍTULO 19	212
LUGARES DE MEMÓRIA, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA: REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL	
<i>Shirlei Alexandra Fetter</i>	
<i>Daniel Luciano Gevehr</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160119	
CAPÍTULO 20	224
ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL: AVANÇOS E NOVOS DESAFIOS	
<i>Jovina Maria de Barros Bruno</i>	
<i>Rita de Cassia Santos Freitas</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160120	
CAPÍTULO 21	237
REFLEXÕES SOBRE A INSERÇÃO PROFISSIONAL COMO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE INDIVIDUADA	
<i>Amanda Ribeiro da Luz</i>	
<i>Francielle Molon da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160121	
CAPÍTULO 22	253
ANÁLISE SEMIÓTICA DE TEXTOS VISUAIS CINEMATOGRAFICOS	
<i>Ana Carolina de Souza Moreira dos Santos</i>	
<i>Carlos Vinicius Veneziani dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160122	
SOBRE A ORGANIZADORA	261

GERAÇÃO CONECTADA NO ENSINO SUPERIOR

Luiza Carravetta

“Ninguém educa ninguém. Ninguém se educa sozinho.

Os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Paulo Freire

RESUMO: O entendimento de que a geração conectada traz consigo a expertise de TIC, tecnologias de informação e comunicação, e de domínio de dispositivos móveis propõe reflexões sobre a metodologia nas atividades acadêmicas introdutórias no ensino superior. A integração entre professor e alunos e entre alunos entre si, o sentimento de pertença ao campus e à universidade, a descoberta da profissão escolhida e a coprodução no contexto de ensino e de aprendizagem contribuem com os docentes no planejamento e na execução da sua prática pedagógica, agregando saberes específicos aos seus conhecimentos e competências. Nesta perspectiva, o presente trabalho pretende contribuir com os professores de atividades acadêmicas introdutórias através de uma troca de experiências num relato, realizado com alunos do Curso de Jornalismo de uma universidade particular do sul do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Geração conectada. Ensino superior. Jornalismo.

ABSTRACT: The understanding that the

connected generation brings with it the expertise of ICT, information and communication technologies and domain of mobile devices offers reflections on the methodology in introductory academic activities in graduation studies. The integration between teacher and students and between students with each other, the feeling of belonging to the campus and the university, the discovery of the chosen profession and co-production in the context of teaching and learning contribute to the teaching staff in the planning and execution of their practice, adding specific knowledge to their knowledge and skills. In this perspective, this study aims to contribute to the teachers of introductory academic activities through an exchange of experiences in an account held with Journalism Course students at a private university in the South of Brazil.

KEYWORDS: Generation connected. Higher education. Journalism.

1 | INTRODUÇÃO

O grande desafio dos docentes que ministram atividades introdutórias no ensino superior consiste em articular conhecimentos e competências a serem desenvolvidas com metodologias, técnicas e recursos nas práticas pedagógicas.

Com a evolução tecnológica, os alunos ingressantes na universidade possuem características que devem ser observadas no ensino e na aprendizagem. Portanto, é preciso considerar o que é a geração net ou geração conectada e que contribuições ela pode trazer para a sala de aula.

Proposições metodológicas são sugeridas para que os calouros possam se integrar com professor e colegas, inserir-se na vida acadêmica, ser partícipe do campus e da universidade, conhecer melhor a profissão escolhida.

Além disso, salienta-se a coprodução com os alunos, colocando-os como protagonistas da ação educativa.

Através do relato de experiência da atividade acadêmica introdutória Introdução ao Jornalismo, pretende-se contribuir com os docentes para um trabalho que compreenda e valorize a geração conectada.

2 | CONTEXTUALIZAÇÃO DA TEMÁTICA

Com mais de trinta anos de docência no ensino superior, tanto no Curso de Letras, como no de Comunicação Social, tendo inserções em Programas de Pós-Graduação, e sempre trabalhando com recursos didáticos, audiovisuais, para tornar as aulas mais atrativas e promover a aprendizagem significativa, deparo-me, hoje, com as grandes transformações, advindas da tecnologia.

Nos últimos anos, venho me dedicando à área de TV. Depois de um Pós-Doutorado nos Estados Unidos, na UCLA, Centro de excelência em televisão, não meço esforços para estudar sempre e cada vez mais. Resgato, também, a visão interdisciplinar, relacionando o contributo televisivo às práticas escolares.

Procuro melhorar a sala de aula, trazendo o que há de novidades em tecnologia, aproximar os alunos do mercado de trabalho e desenvolver o espírito crítico do fazer televisivo.

Tenho feito investidas internacionais, buscando atualização, descobrindo o que há de novo no mundo, para que os novos profissionais do jornalismo televisivo se destaquem nos veículos e nas mais variadas mídias, em que a produção audiovisual seja requerida.

Paralelamente a isto, invisto na produção televisiva como suporte a proposições metodológicas, quer seja para uma dinâmica da sala de aula, quer para a capacitação docente, colocando as tecnologias da imagem a serviço da Educação.

Em 2012, numa experiência na Nigéria, convivi com uma realidade socioeconômica adversa, mas com a presença massiva da tecnologia, principalmente com dispositivos móveis. Quando os bens culturais são escassos e inacessíveis, os jovens nigerianos tornam-se produtores audiovisuais e suas histórias de vida, bem como a sua realidade cultural é documentada, utilizando câmeras digitais e smartphones.

Hollywood, Bollywood e Nollywood são produções audiovisuais dos Estados

Unidos, da Índia e da Nigéria respectivamente. Ressalta-se que são os nigerianos que têm a maior produção, chegando a 1.000 peças anualmente.

Ressalta-se que nas feiras das cidades no interior da Nigéria, verdadeiros mercados em céu aberto, encontram-se, em meio a produtos de alimentação, vestuário, material de higiene, lojas de eletrônicos com preços relativamente acessíveis, uma vez que não há incidência de impostos sobre os produtos.

Os jovens nigerianos possuem computadores, tablets e smartphones. Salienta-se que os celulares mais simples possuem câmera fotográfica e de vídeo, permitindo o processo de captação.

Mesmo sem conhecimentos formais sobre a arte cinematográfica e a produção de vídeos e sem capacitação para utilizar câmeras, elaborar roteiros, editar o material coletado, os nigerianos são capazes de executar realizações com competência.

As questões culturais, as contribuições históricas dos ancestrais, as histórias de vida da população, a organização familiar, as dificuldades, como alimentação precária e escassez de água são temáticas abordadas nos vídeos.

A partir da vivência com a realidade nigeriana e a constatação das possibilidades de realização audiovisual com dispositivos móveis, comecei a pensar que, independente do lugar em que se está, a geração net, ou seja, conectada, pode contribuir e muito, se for trazida a sua expertise tecnológica para a sala de aula.

Num estágio Pós-Doutoral, no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, tive a oportunidade de conviver com os pesquisadores do ITEC, (Innovative Technologies for an Engaging Classroom) que pesquisam a sala de aula do futuro com vistas à escola do futuro. Nesta perspectiva, e já tendo trabalhado com dispositivos móveis, comecei a me dedicar à produção de material audiovisual, utilizando as tecnologias da informação e da comunicação e a de mobile.

Com os alunos de Jornalismo Televisual do Curso de Jornalismo, fiz vários vídeos experimentais, reunindo o conhecimento científico e tecnológico de televisão, relacionando-os a tarefas educativas.

No segundo semestre de 2015, recebi, muito a contragosto, a incumbência de lecionar a atividade acadêmica introdutória, denominada de Introdução ao Jornalismo. Resisti o que pude. Depois de tanto empenho, tanta dedicação, tanto esforço para inovar em TV, tenho que voltar ao início do curso, começar da estaca zero, buscar ementa, verificar a proposta, pensar nas competências a serem desenvolvidas, enfim, ir para o começo do curso.

Como cabe ao professor enfrentar desafios, encarei o meu e, depois de aceito, mãos à obra: analisar ementa, identificar conhecimentos e competências que serão trabalhadas, elaborar plano de ensino, cronograma, verificar datas, tomar conhecimento do que é a nova atividade acadêmica introdutória.

Como impacto positivo, fiquei sabendo que se tratava de atividade monitorada e que havia um grupo de estudos, pesquisando o como evitar a evasão, fator este preocupante na universidade. Participei das reuniões propostas e percebi que a tarefa

era ainda mais desafiadora.

Num destes encontros, tomei consciência de que o docente de atividade introdutória deveria ser experiente, conhecer a universidade e ter a capacidade de motivar os alunos. A partir daí, senti que, ao invés de um desafio, havia uma deferência na escolha do profissional. Constatei que respondia às exigências requeridas e, a partir daí, tudo começou a ficar mais fácil.

Ao analisar a ementa de Introdução ao Jornalismo, constatei que os conteúdos previstos seriam tratados em outras cadeiras, isto sem exceção. Como não é possível fugir de ementas, previamente discutidas, estudadas e propostas, nos PPP (projeto político-pedagógico), lancei-me ao desafio de trabalhar os conteúdos de modo criativo, tentando incentivar os alunos e trazendo-os para o centro do processo de ensino e aprendizagem.

A partir daí, arregañar as mangas, recorrer a metodologias inovadoras (algumas nem tão novas assim, mas com outra roupagem), reunir as experiências, adquiridas ao longo dos anos de docência, buscar as tecnologias disponíveis, principalmente as móveis, e enfrentar tudo o que estaria por vir. Desafio feito, aceito e pronto para ser iniciado.

3 | GERAÇÃO CONECTADA

A tecnologia vem modificando a vida das pessoas. Concorde-se com Morin, quando ele afirma que “...a tecnologia nos atingiu como uma avalanche e envolve a todos” (Morin, 2000, p.8.). Este “todos”, citado pelo autor, refere-se à população em geral que, de alguma forma, está exposta a artefatos tecnológicos e que deles se beneficia. Neste “todos”, são inseridos também os estudantes dos mais variados níveis de ensino.

De acordo com Briggs e Burke (2004), as tecnologias aceleraram as comunicações através do tempo. Fazendo um resgate histórico, tem-se em 1832, o telégrafo, em 1876, o telefone, em 1925, a televisão, em 1947, o computador, em 1969, a Internet e a rede mundial de computadores em 1989.

Do período da linguagem oral à escrita, o ritmo das evoluções caminhou lentamente. A partir da televisão, do computador e da Internet, iniciou-se a grande revolução das mídias e da tecnologia.

A Internet modificou o processo de comunicação, trazendo com ela a interatividade e permitindo o estabelecimento de relações com o mundo real em vários espaços, eliminando distâncias. Ela chegou ao Brasil em meados dos anos 90, sendo utilizada nos mais variados espaços, facilitando a vida dos seus usuários.

A www, world wide web, rede que conecta computadores, já está na sua terceira geração. A web 1.0 foi precursora na produção de conteúdos com pouca interatividade, a 2.0 avançou muito em relação à produção de conteúdos pelos internautas é à

interatividade e a 3.0 inicia com possibilidades de maior participação dos internautas, desde o processo produtivo à veiculação e à rede de relacionamentos.

Os ingressantes nas Universidades, hoje, já nasceram na era digital, desenvolveram-se com ela e trazem consigo uma grande bagagem do seu uso para a sala de aula, ou seja, para o processo do ensinar e do aprender.

Os professores de atividades introdutórias dos mais variados cursos do ensino superior deparam-se com uma geração que traz consigo características específicas, advindas da Internet, das tecnologias da informação e da comunicação, TIC, e dos dispositivos móveis.

O termo “Geração Net” veio do inglês “Net Generation”, trazido por Tapscot em 1999. As novas tecnologias da informação e da comunicação, TIC, bem como a democratização dos dispositivos móveis, câmeras digitais, smartphones e tablets, trouxeram contribuições que oportunizam o desenvolvimento de competências para novas aprendizagens.

Aqui, trata-se da caracterização da Geração Net como expertise no uso de novas tecnologias. É evidente que variáveis, como experiências vividas, situação socioeconômica, organização familiar, grau de escolaridade são fatores que fazem parte para a definição e o estabelecimento de uma conceituação mais aprofundada para um determinado tipo de geração.

Prenski (2001) faz uma diferenciação importante ao caracterizar nativos digitais como os nascidos na era digital e os imigrantes digitais, como os oriundos de gerações anteriores. Os calouros, de acordo com o posicionamento do autor, pertencem ao primeiro grupo, enquanto pais e professores concentram-se no segundo.

Para Prenski (2001), os jovens que cresceram no mundo digital, ou seja, os da geração net, realizam várias atividades ao mesmo tempo, e são capazes de interagir rapidamente.

O perfil do aluno atual, ingressante na universidade, pode ser denominado de multitarefa. Para Carvalho e Ivanof (2010), os jovens multitarefas são aqueles capazes de fazer várias coisas simultaneamente, como ouvir o que o professor diz, falar ao celular, interagir nas redes sociais, etc. Eles possuem domínio tecnológico e são rápidos e ágeis ao lidar com as tecnologias.

Paralelamente, discute-se muito sobre o nível de análise crítica e do desenvolvimento do raciocínio lógico dos multitarefas a partir de informações, recebidas via Internet. É preciso, portanto, estabelecer relações entre as habilidades que eles possuem ao lidar com as tecnologias e as competências pretendidas para o seu desenvolvimento.

Há que se considerar que os alunos da geração conectada vão além da simples memória, trazendo consigo sua origem, alicerçada pelas suas marcas culturais, seus saberes, seus objetivos, seus desejos de realização, bem como dos seus sonhos.

Neste início de milênio, em relação ao processo do ensinar e do aprender, vale questionar: Quais conhecimentos serão trabalhados? Que competências e habilidades

serão desenvolvidas? Quais comportamentos e habilidades digitais, principalmente TIC, serão utilizadas? Como proceder com a expertise do uso das tecnologias, trazida pelos alunos?

A sala de aula, bem como a escola do século XXI, vêm com desafios, inerentes a este novo mundo tecnológico, em que as tecnologias da informação e da comunicação, os computadores, os tablets, os smartphones fazem parte da vida dos alunos, que com eles já nasceram e que sem eles não sabem viver.

Por que não trazer as competências tecnológicas da geração conectada para a sala de aula? De que modo inovar na estratégia de uma prática pedagógica, enfatizando o protagonismo dos alunos? Como escolher e utilizar as tecnologias que mais se adaptem à atividade acadêmica introdutória? São muitos os questionamentos e é necessário, portanto refletir sobre eles, para compreender melhor a ação educativa desta nova sala de aula que se delineia.

É preciso considerar, também, que as inovações tecnológicas exercem influência no empreendedorismo dos futuros profissionais, apontando para novas possibilidades de atuação que vão além dos empregos formais.

A “Campus Party” de 2016 que reúne milhares de visitantes trouxe para o debate o tema “Feel the Future”, sentindo o futuro, com ênfase do impacto da tecnologia na empregabilidade e nos negócios.

Além de pensar numa prática docente que envolva as competências tecnológicas dos alunos, avançar no estabelecimento de relações entre a tecnologia e a futura profissão encaminha para infinitas possibilidades no desempenho e na realização profissional.

4 | PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA DE ENDINO E DE APRENDIZAGEM

Considerando a geração conectada, propõe-se uma metodologia de gestão da atividade acadêmica introdutória de ensino e de aprendizagem que enfatize quatro eixos paradigmáticos:

- Integração entre professor e alunos e entre alunos
- Sentimento de pertença ao Campus e à Universidade
- Descoberta da profissão escolhida
- Coprodução com TIC no contexto acadêmico

4.1 Integrando professor e alunos e alunos entre si

Para ministrar atividade acadêmica introdutória, é desejável que o professor tenha um perfil diferenciado que, além do conhecimento da sua área de atuação, da competência técnica, seja aberto a inovações para planejar e executar as práticas

pedagógicas a serem utilizadas com os calouros.

Ter experiência profissional, dominar o conhecimento da sua área, manifestar o gosto pelo que faz, refletir criticamente a realidade, relacionar teoria com a prática, colocar os alunos como protagonistas da aprendizagem, incentivar a leitura e a escrita, promover o desenvolvimento de habilidades, inerentes ao contexto profissional, são competências exigidas no perfil do docente de atividade introdutória acadêmica.

É preciso ser hábil na “escutatória”, estando sempre apto a ouvir, a dialogar, a trocar experiências, a contribuir para a formação do aluno, não só no âmbito universitário, mas para a vida.

Abrir-se para o afeto, estando aberto ao diálogo, permitindo que os alunos se sintam acolhidos e queridos, com suas dúvidas, mas partícipes da sua aprendizagem.

Deve-se contribuir com o aprimoramento do perfil do acadêmico, destacando conhecimentos, competências e habilidades, enfatizando o como aprender, o espírito crítico e a postura investigativa.

Entre as estratégias para a organização de conteúdos, relacionados aos mais diferentes saberes, encontram-se as técnicas e os recursos. Num tempo, não muito distante, para dinamizar a sala de aula, eram sugeridas as dinâmicas de grupo e a utilização de recursos audiovisuais. Isto ocorre hodiernamente, acrescido da evolução tecnológica.

Sem dúvida, as dinâmicas de grupo e as técnicas de organização grupal constituem-se em estratégias que oportunizam a integração entre professores e alunos e entre os alunos e desenvolvem a aprendizagem colaborativa.

Inocêncio e Cavalcanti (2005, p.2) corroboram, enfatizando que “Dada a importância de promover um ambiente interativo e de trocas, as várias metodologias de ensino aplicadas ao trabalho em grupo passam a representar o real espaço de elaboração de novos saberes”.

Há várias formas de estabelecer a organização grupal, tanto em pequenos como em grande grupo. Para um trabalho integrado e de colaboração, os pequenos grupos são os sugeridos.

Para formar pequenos grupos, técnicas como painel integrado, grupos sucessivos, Philips 6/6, seminário, entre outras, são as mais comumente usadas. Para atividades de integração, sugerem-se diferentes formações grupais nos primeiros encontros com a turma, para, depois, agrupar os alunos por afinidade.

Alguns recursos para a formação dos grupos podem ser utilizados, tais como: numerar os alunos e reuni-los de acordo com os números, distribuir aos alunos senhas e/ou mensagens, para agrupá-los de acordo com as senhas e/ou mensagens recebidas, etc.

Os grupos diferentes, nas primeiras aulas, oportunizam que os alunos entrem em contato com vários colegas, conhecendo-os melhor, para que se integrem e formem a turma como um grande grupo.

Os jogos dramáticos, a dramatização e o teatro, quando adaptados ao contexto

educativo, tornam-se auxiliares na desinibição dos alunos e na integração com os colegas e com o professor, além de promoverem a criatividade.

De acordo com Courtney (2003), o teatro constitui-se na base de uma educação criativa, desenvolvendo a imaginação dramática que subjaz à aprendizagem humana na aprendizagem quer seja ela social ou acadêmica.

Na sala de aula, a improvisação dos jogos dramáticos, sugeridos e apresentados no mesmo momento, favorece o desenvolvimento da criatividade, além de permitir o envolvimento dos alunos, para que possam se posicionar em relação aos saberes que estão sendo trabalhados.

Para Nunes (2003, p. 32), “O objetivo do jogo dramático é propiciar o desenvolvimento da totalidade da pessoa, seja no campo físico, seja no campo emocional. A base do jogo está centrada na improvisação de ações executadas pelos jogadores”.

Os jogos dramáticos, segundo Carravetta e Hoffmann (1980), são divididos em não verbais, intermediários e verbais. Iniciar com a expressão do corpo e facial, evoluir para a entonação, para, depois, trabalhar com a palavra e com o texto, constitui-se numa boa proposta para atividades iniciais e integradoras.

Salienta-se que os jogos devem ser curtos e, após a apresentação dos grupos, devem ser avaliados, para verificar se os objetivos foram atingidos, qual a mensagem que passaram e o que, a partir do que foi feito deve ser incrementado, explorado e pesquisado.

4.2 Pertencendo ao campus e à universidade

O espaço conhecido da escola, muitas vezes o único, ao longo de toda a trajetória estudantil, é substituído pelo campus, enorme, apresentando várias possibilidades.

O sentimento de pertença precisa ser valorizado, no sentido de que o jovem se sinta partícipe desta nova realidade. Não basta conhecer os espaços, mas certificar-se do que realmente ele está à sua disposição e de que forma é possível apropriar-se desta nova realidade.

Atividades de conhecimento do campus, do que ele oferece, de como se movimentar nele, de como acessar os setores de seu interesse para sua formação devem ser prioritárias.

Algumas ações, no sentido de identificar-se com o campus podem ser feitas, entre elas:

- Como chegar na universidade: de ônibus, de van, de carro, de trem? Onde e como estacionar?
- Como se dirigir à área do seu curso? Como encontrar salas e setores de apoio da área específica do curso?
- Quais são os setores de apoio que estão à disposição? Onde encontrá-los? Quem são

os gestores? Com quem falar?

- Quais são os laboratórios disponíveis para o curso escolhido? Em que horário funcionam? Como utilizá-los?
- Quais são os auditórios da universidade? Onde se situam? Como encontrá-los?
- E a biblioteca? Como consultar o acervo? Como utilizá-la? Quais são os serviços, oferecidos pelas bibliotecárias?
- Como resolver questões administrativas? Quais são os setores? Quem são os responsáveis? Há uma central de relacionamento?
- Quais são as facilidades que o campus oferece? Qual é o mapa do campus? Onde estão as “Food Facilities”? E os preços?
- O que o campus oferece de lazer? Como desfrutar das áreas de lazer? Existem atividades esportivas? Como encontrá-las?
- Qual é a história da universidade? Quando iniciou? Quais foram os primeiros cursos? Como foi criado o Campus? Qual é a história do seu curso?
- A universidade oferece EAD? Quais são os seus polos? Onde eles estão localizados?
- Onde fica o Diretório Acadêmico do Curso? O que e em que podem ser facilitadores?

A área da comunicação pode contribuir para dar visibilidade à comunidade universitária do que é e como se movimentar no campus. Vislumbra-se a possibilidade de uma comunicação audiovisual efetiva, somada a outras iniciativas, promovidas pelos setores.

Numa era de desenvolvimento tecnológico, a dinamização de sites e blogs, juntamente com infinitas possibilidades de imagem, podem contribuir para o conhecimento do campus e desenvolver o sentimento de pertença nos alunos.

4.3 Descobrimo a profissão escolhida

Muitas vezes, os alunos escolhem a profissão, por influência da família ou partindo de um aconselhamento de teste vocacional, indicativo de áreas de atuação. Entretanto, mesmo depois de selecionado o curso, não têm ideias claras sobre o perfil que dele será exigido e onde e como poderá exercer a profissão escolhida. É preciso, pois, auxiliá-los a descobrir o universo do futuro profissional que se delineia.

Outro aspecto importante a considerar é o desconhecimento das famílias sobre as profissões. Muitas vezes, os jovens não têm o apoio necessário por parte dos pais, pois eles desconhecem a profissão ou têm uma visão errônea dela. É preciso, portanto, trazer os pais para a universidade, estabelecendo com eles um diálogo de esclarecimento sobre o curso, escolhido pelos filhos, as possibilidades do mercado de trabalho e as atividades acadêmicas que serão desenvolvidas na universidade.

Atividades podem ser previstas com a participação dos pais, para que acompanhem os filhos durante a sua formação e que conheçam a universidade ao

longo do curso e não só na formatura, como em geral acontece.

Com o objetivo de apresentar a profissão e seus desafios na contemporaneidade, bem como os conhecimentos e competências a ela inerentes, algumas proposições metodológicas são sugeridas:

- Palestra motivacional: trazer alguém para falar sobre a realização profissional e de sonhos
- Roda de conversa com a coordenação do curso: o que é, onde fica, linha aberta com o coordenador (a) e com os setores do curso
- Roda de conversa com profissionais de mercado: oportunizar a conversa e a troca de experiências, dando oportunidade ao esclarecimento de dúvidas dos alunos
- Roda de conversa com ex-alunos: relacionar a vida acadêmica com os ex-alunos, atuantes no mercado
- Bate-papo com veteranos (vida acadêmica, estágio, intercâmbio, viagem de estudos, etc.
- Visitas (visitas guiadas) a empresas e a profissionais nos seus locais de trabalho
- Simulações de atividades no exercício de habilidades e competências a serem exercidas pelo futuro profissional
- Projeto sombra: acompanhar a rotina de profissionais
- Sugestões e acompanhamento de estágios
- Incentivo aos estágios voluntários
- Estímulo à ação social, na universidade e fora dela, a serviço da comunidade

4.4 Coproduzindo com TIC no contexto acadêmico

A geração conectada, constituída dos egressos da geração net, possui uma nova forma de viver. A vida acontece na ponta dos dedos, como se eles fossem próteses digitais.

Nos mais diferentes espaços, ônibus, metrô, restaurantes, salas de aula, e até mesmo na direção do carro, atravessando a rua, fazendo lanche, nas situações mais inusitadas, encontram-se pessoas conectadas. Elas advêm das mais variadas faixas etárias, mas é entre os jovens, os nativos digitais que tais situações são inerentes.

Eles estão conectados o tempo todo, em qualquer lugar, cada um com o seu dispositivo pessoal, computador, smatphone, tablet, de cabeças baixas, fixados numa tela, checando e-mails, enviando e recebendo mensagens, conversando.

A conexão digital com suas inúmeras possibilidades favorece a individualidade, enfatizando a relação do sujeito consigo mesmo e com o seu dispositivo tecnológico, na maioria das vezes, móvel. Neste contexto, mesmo inseridos em qualquer lugar do mundo e estabelecendo trocas com diversas pessoas, prevalece a solidão.

O diálogo fica comprometido no ato de falar, pois os aplicativos, as redes sociais

e os sites de relacionamento favorecem o teclar, numa linguagem cifrada, com novos termos e novas regras.

Algumas ações são realizadas com o objetivo de promover as relações interpessoais presenciais. Numa comemoração familiar num restaurante, com o marido e as duas filhas, a mãe percebeu que todos estavam em silêncio com os seus smartphones. Ela confiscou os celulares, dizendo que o momento era para o diálogo e que os aparelhos só seriam devolvidos no final do jantar.

Certa vez, na sala dos professores, uma jovem professora mostrou-se perplexa com o fato de os alunos estarem de cabeças baixas, voltados para as suas telas e distantes do seu power point, preparado para a aula. Ela defendeu a ideia de proibir o uso dos aparelhos, mas, em nenhum momento, mostrou-se receptiva a questionar a sua prática pedagógica. Queria todos, voltados para ela, na proposição da educação bancária de Paulo Freire.

A presença do WiFi está em todos os lugares, em casa, em restaurantes, em universidades e em espaços públicos, melhorando a interatividade via rede, mas distanciando as pessoas presencialmente.

Os cabeças baixas enxergam o mundo num teclado, deixam de perceber a paisagem que os cerca, não olham para os lados, veem a vida de uma outra forma numa solidão acompanhada. Faz-se necessário chamar a atenção deles sobre isto e motivá-los para as relações interpessoais.

Prahalad e Ramaswamy (2004) foram os precursores do termo co-criation, surgido na administração e no business. Para os autores, a cocriação consiste numa forma colaborativa para gerar valor e solucionar problemas entre clientes, fornecedores e empresas. Ultimamente, o conceito está sendo ampliado para a interação social.

Pesquisas recentes têm aproximado a cocriação com a sala de aula. Os pesquisadores Branbilla e Damacena (2012) trazem a cocriação no ensino superior, buscando a interatividade, a participação, a reciprocidade e a troca social no processo de aprendizagem cocriada.

Os alunos do ensino superior, egressos da geração conectada, nativos digitais, têm domínio das tecnologias de informação e comunicação, TIC, são experts em aplicativos, em games, possuem smartphones, tablets, câmeras digitais.

Além de navegar com facilidade na Internet, de não se separarem dos contatos nas redes sociais, fazem selfies, fotografam e postam tudo o que encontram e são produtores de vídeos, disponibilizados no Youtube. Muitos deles são blogueiros ou vlogueiros, youtubers, tendo fanpages ou até mesmo sites.

Os professores, imigrantes digitais, dificilmente têm a mesma competência, destreza e domínio das tecnologias da mesma forma que os alunos que com ela nasceram. Por que não, então, trazer a expertise dos alunos e a variedade de recursos tecnológicos existentes para cocriar em sala de aula?

A cocriação, no ambiente pedagógico, vai trazer uma participação maior dos alunos, promover a interatividade entre alunos e professor e entre os alunos e

contribuir para a aprendizagem significativa, além de dinamizar o processo de ensino-aprendizagem.

Após as atividades de integração entre os alunos da turma, é importante conhecer os alunos, verificar o domínio que eles têm sobre a tecnologia e promover atividades, valorizando as habilidades dos alunos para a produção de material instrucional para o desenvolvimento de saberes específicos da disciplina, relacionando-os às competências específicas a ela inerentes.

Para introduzir a cocriação, é preciso ir, aos poucos, migrando para novos paradigmas, na modificação de estratégias com técnicas e recursos integradores na elaboração de tarefas e trabalhos. Como exemplo, a apresentação e a entrega de trabalhos poderão ser feitas através de meios digitais.

Os docentes, já familiarizados com recursos tecnológicos, utilizando-os na apresentação de novos conteúdos, podem partir para uma postura profissional inovadora, numa metodologia de gestão pedagógica, usando a cocriação com o protagonismo dos alunos.

Para trabalhar com a geração conectada não dá para fazer o mesmo do mesmo jeito, sendo preciso mudar de atitude, tendo medo de usar a criatividade e soluções inovadoras numa proposição metodológica que utilize a expertise dos alunos.

Para o processo de cocriação, sugerem-se os wikis e os weblogs. De acordo com Gomes (2015), blog é abreviatura da expressão inglesa “weblog”, usada pela primeira vez em 1997, por Jorn Barger.

Na sua origem e na sua acepção mais geral, um weblog é uma página na Web que se pressupõe ser actualizada com grande frequência através da colocação de mensagens – que se designam ‘posts’ – constituídas por imagens e/ou textos normalmente de pequenas dimensões (muitas vezes incluindo links para sites de interesses e/ou comentários e pensamentos pessoais do autor) e apresentadas de forma cronológica, sendo as mensagens mais recentes normalmente apresentadas em primeiro lugar. (GOMES, 2005, p. 311).

Ainda para Gomes (2005), na sua pesquisa, realizada em 2005, apresentada no VII Simpósio Internacional de Informática Educativa em Leiria, Portugal, o uso do blog é enfatizado como um recurso pedagógico no processo de ensino e aprendizagem em escolas.

Os blogs educativos podem ser criados, usando sistemas populares e gratuitos como blogger e wordpress, encontrados na Internet. Na coprodução, os alunos dão “show”, pois são capazes de criá-los com facilidade e num curto espaço de tempo.

5 | RELATO DA ATIVIDADE ACADÊMICA INTRODUÇÃO AO JORNALISMO

A turma de Introdução ao Jornalismo de 2015/2 foi constituída de 40 alunos com idades entre 17 e 20 anos e tendo um aluno de 26 e outro de 28 anos.

Na elaboração do perfil de turma, constatou-se que 16 alunos eram egressos de outros cursos, assim distribuídos: 5 Direito, 2 Engenharia Mecânica, 1 Engenharia Civil, 1 Engenharia Química, 1 Psicologia, 1 Comércio Exterior, 1 Pedagogia, 1 Jogos Digitais, 1 Educação Física, 1 Filosofia, 1 História.

Chamou a atenção o fato de que cinquenta por cento da turma afirmou que os pais não eram a favor de os filhos cursarem Jornalismo, por acharem a profissão mal remunerada. Outro fato significativo foi que 10 pais tinham sugerido e/ou escolhido a profissão para os seus filhos.

Os alunos, na primeira aula, estavam sentados estáticos, sem integração com os colegas e de cabeças baixas, fixos nos seus notebooks, tablets e/ou smartphones, características da geração conectada.

Outro fato a considerar é que a maioria dos alunos estava na sua primeira aula do Curso de Jornalismo. Portanto era preciso pensar e repensar a atividade acadêmica com suas competências, conhecimentos, metodologias, técnicas e recursos de ensino e de aprendizagem.

Já na primeira aula, solicitou-se aos alunos que registrassem, através de câmeras digitais e/ou celulares, tudo o que estaria acontecendo, pois eles utilizariam as fotos e vídeos num relatório individual e num blog da turma.

Partiu-se, então, para a seguinte proposta: atividades de integração entre professora e alunos e entre os alunos, sentimento de pertença ao campus e à universidade, descoberta da profissão escolhida e coprodução com os alunos.

Em relação a atividades de integração, a opção foi por trabalhos em grupo, feitos com jogos dramáticos não verbais, intermediários e verbais. Os grupos foram divididos aleatoriamente e sempre mudando de componentes de um jogo para outro para dar oportunidade de os alunos se conhecerem e integrarem.

Para relatar a experiência, vivenciada na atividade acadêmica Introdução ao Jornalismo, trago o depoimento dos alunos. Para preservar sua identidade, os depoimentos serão denominados de D e serão numerados. Deste modo, D1 significa depoimento 1, D2 depoimento 2 e assim por diante.

5.1 Atividades de integração

No Jornalismo, é importante vivenciar as formas de comunicação através da expressão do corpo, da face, da palavra e da entonação. Com isto, já se faz uma introdução da atividade profissional. Independente de ser um Curso na área da Comunicação, os jogos dramáticos e a dramatização são ótimos para a desinibição e a integração grupal.

Foram propostos para a turma três jogos dramáticos, um não verbal, um intermediário e um verbal. No não verbal, cada grupo deveria responder às perguntas: Quem somos nós? O que queremos fazer? Por que estamos aqui?

No jogo dramático intermediário, a escolha recaiu no “Sobe Desce”, no qual a expressão verbal seriam as palavras sobe e desce, destituídas do significado de subir

e de descer, acrescidas da entonação adequada, de acordo com a cena escolhida.

Quatro palavras com significado próprio poderiam ser verbalizadas, repetidas ou não, com a devida entonação, neste jogo verbal.

A partir dos três jogos dramáticos vivenciados, solicitou-se a tarefa de pesquisa sobre o Processo de Comunicação: o que é, como ele ocorre, como acontece no Jornalismo.

Os alunos, normalmente, esperam aula tradicional, na qual o professor fala e eles escutam. Surpreendem-se, quando o contrário acontece, como diz D1: “Vamos nós outra vez ouvir o professor falar, falar, falar. Não! Surpresa! Trabalho corporal sem fala ou escrita. Objetivo do trabalho: Mostrar quem somos, por que estamos aqui”.

No D2, o comentário é: “Estou repetindo a cadeira e da última vez não foi desta forma. Achei o máximo, uma boa forma de fazer os alunos interagirem e se conhecerem melhor”.

Valorizando a integração com os colegas e a atividade proposta, registra-se o D3: “A cadeira introdutória realmente é uma disciplina de extrema importância, pois através dela não passamos a conhecer apenas mais a respeito do curso, mas sobre nós mesmos”.

Ao longo da atividade introdutória e principalmente nas de integração, a escuta aos alunos e a busca de conhecê-los melhor é reconhecida e apreciada pelos alunos, como no D4: “ Nunca vi uma pessoa que tem tanto amor pelo que faz, pelos seus alunos e querendo conhecer um pouco da história de todos”.

5.2 Sentimento de pertença

Após as dinâmicas de integração com grupos variados, chegou o momento de propor reunião por afinidades. A partir daí, a organização grupal foi feita pela escolha dos colegas, ou seja, com aqueles com os quais cada um gostaria de trabalhar.

Fato interessante foi o agrupamento de quatro alunas, todas com o nome de Patrícia. Uma das Patrícias, D5, observa “O dia em que todas as Patrícias foram para o mesmo grupo”.

Primeiramente, apresentei aos calouros a história da Universidade, desde os seus primórdios aos dias atuais. Para isto, utilizei vídeos institucionais e fiz uma breve explanação sobre as principais características do novo espaço a ser utilizado por eles.

Na sequência, com o propósito de tornar o campus conhecido dos estudantes e de modo que se sentissem pertencentes a eles, apresentei vídeos de um minuto, realizados por alunos veteranos e contextualizados nas mais variadas áreas da instituição. A partir da apresentação dos vídeos, havia uma exposição dialogada dos setores, tanto os acadêmicos, quanto os de serviço.

Na sequência, usando a “febre” dos alunos para a realização de selfies, a tarefa foi fazer selfies, em grupo, dos locais mais importantes e dos inusitados da Universidade. Deste modo, os grupos passaram a conhecer e a reconhecer os setores da instituição.

Ao voltarem para a sala de aula, foram selecionadas as melhores selfies de cada setor e elas foram legendadas, de acordo com o seu objetivo. Esta tarefa foi muito bem aceita pela turma que aproveitou os momentos descontraídos para uma maior integração com os colegas.

O D6 corrobora com a assertiva da utilização de recursos que fazem parte da vida dos alunos. “Estava pensando em mudar de curso e fazer Direito, foi aí que a chama se acendeu, como o modo dinâmico e divertido das aulas, com a interação com a turma, com as inúmeras formas de conhecer a universidade”.

No D7, outro colega posiciona-se da seguinte forma: “Quando analiso a turma com quem estou estudando, juntamente da professora, me sinto “o escolhido”, parece que pude escolher todos eles”.

A importância de sentir-se bem na instituição é relatada no D8: “Confesso que me senti muito querida. Parecia que eu não era mais só uma aluna dentro daquela instituição, mas sim alguém que podia fazer (e, afinal, fazia) a diferença.

5.3 Profissão: Jornalismo

Após a integração e o sentimento de pertença, é chegada a hora de enfatizar a profissão de jornalista, resgatar sua história e prospectar seus desafios na contemporaneidade.

Com o objetivo de cumprir a ementa da atividade acadêmica introdutória e relacioná-la aos conhecimentos e competências específicas do curso de Jornalismo, foram realizadas rodas de conversa, visitas guiadas a veículos de comunicação, programa de TV, seminários sobre as áreas de atuação do jornalista e atividades empreendedoras.

Como motivação e para falar de sonhos, foi realizada uma palestra com Getúlio Felipe, um menino de 11 anos, deficiente físico, que superou suas dificuldades e conseguiu atingir seus objetivos. Mesmo de família simples e com poucos recursos, ele conseguiu patrocínio, foi para a Alemanha e entrevistou o goleiro Noier, da seleção alemã.

Além do cunho motivacional, Getúlio Felipe falou sobre um programa que tem numa rádio web e trocou sua experiência sobre o empreendedorismo para a produção de um programa em veículo alternativo.

A seguir, algumas percepções dos alunos sobre a palestra realizada.

D9: “Uma criança de 11 anos com paralisia cerebral me ensinou que, se não der certo na primeira, eu posso tentar novamente que dará certo, disse que posso”.

D10: “Enquanto eu reclamava por não conseguir comprar aquela calça, que tipo de ser humano seria eu se não mudasse meus hábitos depois dessa grande lição de vida”?

D11: “Vamos do auge de uma risada para o quase choro após palestra motivacional”.

D12 “Sua história de vida nos leva a refletir sobre nossos problemas que comparados aos dele são insignificantes. Deixou-nos seu lema: sonhe sempre”.

D13: “Foi incrível descobrir um outro lado do Jornalismo através da experiência dos profissionais que contaram suas histórias. Isto é Jornalismo”.

5.4 Coprodução com os alunos

Acoprodução estimula a participação e o protagonismo dos alunos na produção de conhecimentos, colocando-os no centro do processo de aprendizagem, oportunizando o uso da tecnologia de modo interativo.

Pela minha experiência com o uso de TIC e de dispositivos móveis e pela análise da ementa da atividade acadêmica, na qual os conteúdos e as competências previstos seriam desenvolvidos em outras disciplinas, resolvi propor uma metodologia com a coprodução dos alunos. Portanto, desde a primeira aula, solicitei aos estudantes que utilizassem seus notebooks, tablets, câmeras digitais e smartphones.

Para a avaliação do primeiro bimestre, denominada de Grau A na universidade, solicitei um relatório individual documentado de todas as aulas com as tarefas solicitadas após cada uma delas. Para o trabalho em grupo, foi pedida uma identificação do grupo, respondendo às perguntas: Quem sou eu? Quem somos nós? O que queremos? Por que estamos aqui?

Os registros, realizados nas aulas, as fotos, as complementações de temas através de consulta bibliográfica, as percepções sobre as discussões e rodas de conversa poderiam ser entregues, tanto em forma escrita como na digital.

Os relatórios individuais impressos foram criativos e vieram em forma de texto, ilustrado com fotos e desenhos, história em quadrinhos, diário. Houve um grande número de relatórios, feitos em power point, em áudio, vídeo e blogues.

A entrega dos relatórios foi impressa e em meio digital, meio predominante, através de e-mail, e pelas redes sociais, Face, Instagram e youtube.

Os trabalhos em grupo surpreenderam pela criatividade e pelo uso de câmeras digitais, smartphones e computadores com programas de edição.

Constatei a desenvoltura dos alunos na utilização de TIC e de dispositivos móveis. Todos, sem exceção, fazem parte de redes sociais, como Face, Instagram, Youtube. Utilizam e-mail, mas não com a frequência das redes de relacionamento.

Vários alunos são blogueiros, vlogueiros, querendo se tornar youtubers e webcelebridades. Para os seus blogs, são os produtores de textos, hipertextos, audiocasts e videocasts. Nos seus blogs, há seções de relacionamento, nas quais se comunicam com os seus seguidores.

Trata-se de uma geração totalmente conectada que me fez refletir sobre a prática pedagógica, o como trabalhar, aproveitando a competência tecnológica por ela trazida e como contribuir com colegas professores que ainda têm medo de inovar na sala de aula.

Os depoimentos dos alunos remetem para a assertiva de que estou no caminho certo. O espaço para ouvi-los é fundamental para corroborar com a ideia da coprodução como proposição metodológica. Seguem alguns depoimentos para fazer pensar atividades acadêmicas, principalmente as introdutórias.

D14: “Nunca imaginei que teria uma cadeira de Introdução tão legal quanto esta com a profe Luiza Carravetta. Ela nos deu a oportunidade de conhecer e até viver um pouco todas as áreas do curso que escolhemos, nos dando mais certeza da nossa escolha”.

D15: “A disciplina Introdução ao Jornalismo me fez abrir a mente e enxergar as infinitas possibilidades que esse mercado de trabalho pode me dar”.

D16: “Entrei na disciplina com uma visão teórica e burocrática do curso em geral, porém fui surpreendido positivamente. A disciplina me fez enxergar o Jornalismo com outros olhos e, mais do que isto, me fez amar a profissão”.

D17: “Imaginava esta disciplina engessada e óbvia e me deparei com uma cadeira que me fez apaixonar-me pelo Jornalismo e suas funções, além da profissão. Surpreendente seria a minha definição para este semestre. Minha ótima escolha”.

D18: “A disciplina não poderia ser melhor. Consegui me encontrar no curso, descobrir o que quero para a vida! Aprendemos, ensinamos, brincamos, sorrimos e choramos! Com certeza, aprendi demais e me encontrei no lugar certo”!

D19: “Uma disciplina “esclarecedora”. Consegui ver os muitos “caminhos” que estão disponíveis no curso de Jornalismo e esclarecer as dúvidas que eu ainda tinha em relação ao meu futuro profissional”.

Como atividade final, foi realizado um coquetel de confraternização com os pais. O coquetel foi comunitário e cada grupo contribuiu com salgadinhos, docinhos, refrigerantes.

Cada grupo explicou para os pais o que é a profissão Jornalismo, seu trabalho social, o ser voz de quem não tem, a sua importância como cidadãos e os porquês de sua escolha profissional. Professora e alunos, filhos e pais, coordenador do curso dialogaram sobre a vida acadêmica e a profissão a ser seguida.

Os trabalhos apresentados utilizaram as TIC. Constituíram-se em vídeo sobre a retrospectiva do semestre, dramatização sobre o que éramos e o que somos depois deste semestre, power point com prezi, blog.

As produções dos alunos podem ser conferidas no blog: www.wordpress.com

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a contextualização da temática que considera a experiência e a trajetória profissional da autora, finaliza-se o presente trabalho com reflexões sobre a geração conectada no ensino superior e suas implicações metodológicas na prática docente em atividades acadêmicas introdutórias.

Considerar as competências de nativos digitais e suas contribuições no processo de ensinar e de aprender modificarão a metodologia da sala de aula, oportunizando o protagonismo dos alunos como sujeitos de sua aprendizagem.

Atividades de integração de professor e alunos e de alunos entre si, ações que promovam o sentimento de pertença ao campus e à universidade são práticas que contribuem para a aprendizagem dos egressos do ensino médio que encontram no terceiro grau uma realidade diferente da vivenciada em graus de ensino anteriores.

A cocriação com a contribuição das TIC e dos dispositivos móveis, acrescida das competências dos calouros no tocante à tecnologia, são desafios a serem enfrentados pelos docentes que, se destemidos, poderão modificar a sua prática pedagógica com o auxílio de proposições metodológicas inovadoras que as utilizem.

O relato de experiências e o blog da atividade introdutória Introdução ao Jornalismo apresentam sugestões que contemplam as expertises da geração conectada e que poderão estimular e/ou sugerir novas formas de trabalhar com os conhecimentos, as competências e as habilidades dos futuros profissionais.

REFERÊNCIAS

BRAMBILLA, Flávio Régio & DAMACENA, Cláudio. Cocriação de valor no Ensino Superior Privado: uma análise etnometodológica com alunos de administração de uma universidade do sul do país. **Administração, ensino e pesquisa**. Rio de Janeiro, v. 13, nº3, p.455-490. JUL, AGO, SET, 2012.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CARRAVETTA, Luiza; HOFFMANN, Elvira. **Expressão oral: teoria e prática**. Porto Alegre: Jurídica, 1980.

CARRAVETTA, Luiza. **Métodos e Técnicas no Ensino do Português**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

CARRAVETTA, Luiza. **Reflexões sobre o professor conselheiro**. Entrelinhas (Unisinos Online), v5. P98-104, 2011.

CARVALHO, Paulo Araújo Câmara de; IVANOFF, Gregorio Bittar. **Tecnologias que educam: ensinar e aprender com as tecnologias de informação e comunicação**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

COURTNEY, Richard. **Jogo, teatro e pensamento**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

GOMES, Maria João. Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica. In: VII SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INFORMÁTICA EDUCATIVA. 2005. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4499>. Acesso em: 24 mar. 2013.

MORIN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENDTS, Marilda. **Novas tecnologias: mediação pedagógica**. São Paulo: Campinas, Papirus, 2.000.

TAPSCOTT, Don. **Grow Up Digital: How the Net Generation is Changing Your World**. HC: Mcgraw-Hill, 2008.

NUNES, Lúcia de Fátima Royes. **Álbum de Família: História de Vida de Olga Reverbel**. Santa Maria: UFSM, 2003.

PRAHALAD, C.K. & RAMASWAMY, Venkat. (2004). ***The future of Competition***. Harward: Harward Business School. Press, 2004.

PRENSKI, M. ***Digital natives, digital immigrants***. Disponível em www.educause.edu/ir/library/powerpoint/SAC504.pps (Consultado em 5/7/2015)

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-051-3

